



## **Contribuição da formação profissional para a constituição do administrador como sujeito-disciplinador: um estudo a partir do discurso de professores e alunos de Administração**

*Marcos Vinícius Pereira Correa (UEM)*

*João Marcelo Crubelatte (UEM)*

### **RESUMO**

As relações estruturadas pelo homem moderno através da propagação de discursos e formas de poder-controle (FOUCAULT, 1979), inseridas tanto no contexto social como em instituições educacionais, contribuem para a construção das lógicas profissionais e sujeição das mesmas por parte do indivíduo. Como objeto de estudo, buscou-se analisar de que forma a relação existente entre professores e acadêmicos da área de Administração fazem emergir a instituição do sujeito profissional administrador. Os discursos empregados nessa relação trazem consigo um arcabouço normativo, que resulta em um exercício de poder disciplinador inserido no âmbito educacional. O poder como fator constituinte do sujeito administrador, no que se refere à sua identidade e papel social, surge desses processos disciplinados instituídos em sala de aula, ou seja, o poder que resulta do discurso do professor instaura-se sob uma ação de controle aplicado sobre o corpo do aluno (FOUCAULT, 2006). Dessa forma, ocorre uma interação entre os indivíduos, resultando em um exercício de poder-controle que advém do discurso e produz a lógica profissional. A fonte teórica principal que auxilia o estudo está vinculada à filosofia de Michel Foucault, mais precisamente com relação à sua terceira fase denominada ética. O método de estudo se caracteriza como descritivo e qualitativo. Os dados foram coletados por meio de fontes primárias e secundárias, através de análise documental de dados secundários e entrevistas (análise discursiva), que foram aplicadas aos agentes da pesquisa.

**Palavras-chave:** Lógicas profissionais. Subjetivação. Poder – disciplinar.

### **1. INTRODUÇÃO**

A proposta deste artigo é compreender as contribuições da formação profissional para a constituição do administrador como um sujeito disciplinador, pautando-se no discurso proferido por professores e acadêmicos de Administração. Assim, através de análise discursiva, objetivou-se compreender quais os aspectos disciplinares presentes na fala dos entrevistados, que demonstrem o modo como no campo de atuação profissional, o administrador enquanto gestor irá controlar as atividades de seus subordinados. Para isso, se faz necessário compreender qual é o sujeito por trás desse discurso profissional, mas especificamente sua identidade e papel social, para que enfim se compreenda o modo como esses elementos se encontram presentes na aplicação das técnicas de poder disciplinar em organizações. Nesse caso se faz necessário compreender o discurso como ferramenta ideológica presente nos bancos escolares, assim, o discurso em si é uma entidade que constitui



e funda os processos de construção social em que a realidade se instaura e se constitui (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Atualmente os estudos de Michel Foucault vêm sendo utilizado pelas mais diversas áreas, principalmente nas ciências humanas. Uma das principais problemáticas envolvendo seu campo de pesquisa está ligada a temática do poder; como se dá e se estrutura nos diversos setores da sociedade. Outras questões como: a produção de discursos, as disciplinas, a ética e a subjetivação do sujeito também formam o escopo das pesquisas de Michel Foucault.

As pesquisas no âmbito organizacional envolvendo os estudos de Michel Foucault se deram a partir da década de 80. Motta e Alcapadiane (2004) argumentam no campo das pesquisas organizacionais, os estudos de Michel Foucault são analisados apenas no aspecto disciplinar e deixam outros aspectos da problemática do poder em segundo plano. De acordo com PEREIRA, MUNIZ E LIMA (2007) a obra de Foucault apresenta um arcabouço teórico complexo e heterogêneo, o que possibilita utilizá-lo nos estudos organizacionais com enfoque nas três fases de sua obra, que compreende: a arqueologia, a genealogia e a ética. A fase arqueológica envolve questões apresentadas na sua obra *História da loucura*, que compreende os sujeitos históricos de acordo com o período histórico que estão inseridos (FOUCAULT, 1996) e descreve que os discursos estão carregados de poder. A fase genealógica investiga o poder como objeto presente na constituição do sujeito, através do qual, o poder se instaura em toda relação social através dos jogos de poder (FOUCAULT, 2006).

No Brasil, foi Motta quem iniciou estudos sobre a temática do autor, principalmente envolvendo o poder disciplinar em organizações formais. Motta (1981, p. 35) afirma que: “a organização é poder e é igualmente verdadeiro que enquanto prática social esse poder organizacional se manifesta como poder disciplinar”. Assim, para ele, a prática do poder disciplinar nas organizações está relacionada à cúpula estratégica da empresa ao invés do chão de fábrica. A organização do espaço, o controle do tempo, vigilância e exame continuado são mais perceptíveis sobre os operários da organização. Motta (1981) aborda ainda que o taylorismo continua sendo uma teoria do modo de ação ligada ao poder disciplinar na fábrica. Entretanto, segundo ele, novas formas e gestão de empresas mostram um poder disciplinar engendrado de forma sutil nas organizações e com novas formas de ação. De acordo com Motta (1981) o poder disciplinar independentemente de seu modo de ação tem como objetivo formar corpos dóceis e produtivos. No que se refere à formação profissional, o autor afirma que:

Os títulos preenchem outras funções igualmente importantes que dizem respeito ao modo pelo qual se mantém a correlação de forças entre as classes e grupos sociais. De qualquer modo, porém, a escola também tem por função a transmissão de ideologia de classe dominante, a reprodução da estrutura social, especialmente dos lugares de classe, e uma função moralizadora: a escola serve para criar um habitatus, através da inculcação de uma disciplina (MOTTA, 1981, p. 39).

No campo organizacional, as pesquisas de Morgan (1996) com relação ao poder diferenciam-se da concepção foucaultiana. O poder para Morgan (1996) está relacionado um sistema político presente nas organizações, através do qual, as pessoas que trabalham na organização buscam interesses particulares, assim as organizações empregam um sistema normativo para organizar e manter a ordem entre os seus membros. Para o autor, deve-se analisar a política organizacional de maneira sistemática, pautando a presença de interesses, conflito e poder. Segundo ele, a política organizacional emerge quando indivíduos dentro dela buscam agir e defender interesses diferentes. Logo, para Morgan (1981) interesses divergentes, geram conflitos internos que são administrados através dos jogos de poder. Esses



interesses estão relacionados a um conjunto de valores, objetivos, expectativas e outras orientações e inclinações que levam a pessoa a se comportar de determinado modo.

Com isso, o poder para Morgan (1981) diferencia-se da concepção de Foucault, pois o poder para ele é o meio pelo qual os conflitos de interesses são resolvidos. O autor apresenta como o poder se dá dentro da organização, assim, para ele as fontes do poder nas organizações estão ligados a elementos como a autoridade formal, controle sobre os recursos escassos, uso da estrutura organizacional, regras e regulamentos, controle do processo de tomada de decisão, etc.

Para se compreender o fenômeno do poder na sociedade atual e seus desdobramentos, se faz necessário recorrer as pesquisas de Michel Foucault com relação ao tema. O próprio autor afirma que, o objetivo do seu trabalho não é analisar o fenômeno do poder nem elaborar fundamentos para tal, logo, de acordo com próprio Foucault: “Meu objetivo, ao contrário foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, M. apud DREYFUS H.; RABINOW, P., 1995, p.231). Assim, segundo SOUZA, E. M.; MACHADO, L. D.; BIANCO, M. F.; SOUZA, R. C. (2007), Foucault não estabelece uma teorização do poder, mas uma análise pautada nos aspectos genealógicos que compreendem a história como algo descontínuo e em constante transformação. Com isso, a genealogia compreende que a historicidade é marcada por rupturas, já que os objetos são resultados de forças que se alteram de acordo com o contexto histórico. Portanto, Foucault (1979) se utiliza do aspecto genealógico para compreender as relações de poder e não a definições para tal.

Para Foucault (1995) existem três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. O primeiro se refere ao modo da investigação, que tem como princípio alcançar o estatuto de ciência, seja pautado na filologia e lingüística ou no sujeito que trabalha, vive e produz. Outra forma de objetivação do sujeito refere-se às práticas divisórias (dicotomia), ou seja, a relação do sujeito com os demais faz com que ele se divida em seu interior e esse processo oferece condições para que ele enquanto sujeito se subjetive. Para o autor, o terceiro elemento relaciona-se ao modo como o ser humano vem a se tornar sujeito. Nesse caso, Foucault (1995) utiliza a sexualidade como objeto de estudo para investigar como os indivíduos são capazes de se reconhecer como enquanto sujeitos. Assim, o autor busca analisar o poder e estender sua definição, para desse modo, compreender de uma melhor forma a objetivação do sujeito.

## 2. PODER DISCIPLINAR

Segundo Foucault (2007), o indivíduo está preso por uma rede de poder, ou seja, imerso em um conjunto estruturado de relações, que de certa forma; limitam e impõem restrições, proibições ou obrigações sobre o corpo. O poder para Foucault (1979) não existe em si; o que existe são práticas ou relações de poder, ou seja, o poder é formado por uma rede capilarizada instituída através de microesferas de poder (atomizadas), nesse caso, não está necessariamente ligada à figura de um Estado, classe social ou status quo. Baseando-se nesses pressupostos, Foucault (1979) define que o poder não é um ponto na estrutura, mas um conjunto de relações de poder entre os indivíduos na sociedade que estabelecem os denominados “jogos de poder”. De certa forma, para o autor, o poder não é apenas uma ferramenta que oprime, domina e recalca, mas um elemento que adentra e aprimora o corpo humano. Através dessas afirmações, pode-se analisar que na sociedade do trabalho o corpo dócil tem como finalidade o seu domínio e extração do lucro (eficácia e eficiência organizacional).

Foucault (2007) afirma que o corpo humano é dominado por uma maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. As operações do corpo acabam se



sujeitando de forma minuciosa pelos mais diversos métodos de controle. Assim, ocorre a sujeição constante de suas forças e lhe é imposto uma relação de docilidade-utilidade; são o que o autor chama de “disciplinas”. Uma disciplina, segundo ele, envolve a distribuição dos indivíduos em um espaço físico que utiliza-se de variadas técnicas de controle para subjugar os indivíduos ali inseridos. De certa forma, objetiva-se manter cada indivíduo em seu espaço (*locus*), criando um local disciplinar que não tem como objetivo aglomerar indivíduos, mas individualizar o sujeito, possibilitando seu esquadramento e dominação.

Os lugares, espaços físicos pré-determinados, se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço para auxiliar na individualização do sujeito. Com isso, para Foucault (2007), a disciplina é um tipo de organização do espaço e essa organização do espaço se encontra nas mais diversas instituições. Foucault (2007) utiliza como exemplo o espaço escolar, através do qual a aglomeração de alunos é dividida não apenas em um espaço físico (sala de aula), mas em fileiras e cada fileira seus espaços individuais, assim, toda essa distribuição ordenada do espaço escolar tem como principal função possibilitar o controle por parte do professor. As organizações voltadas para um espaço produtivo necessitam desse mecanismo de controle como via capaz de individualizar o sujeito. Conforme afirma Foucault:

É possível realizar uma vigilância ao mesmo tempo geral e individual; contatar a presença a aplicação do operário, a qualidade de seu trabalho, comparar os operários entre si, classificá-los segundo sua habilidade e rapidez, acompanhar os sucessivos estágios da fabricação (FOUCAULT, 2007, p. 124)

Pode-se compreender ainda que a disciplina para Foucault (2007) envolve técnicas de organização do espaço que objetivam não somente dispor os sujeitos em fila, no entanto criar espaços úteis, que se certa forma resulte em eficiência e eficácia das atividades realizadas. Foucault (2007) afirma que a organização de um espaço serial foi uma das grandes mudanças nas técnicas de ensino escolar e que a determinação de lugares individuais, tornou-se possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Logo, o espaço serial "organizou uma nova economia do tempo e da aprendizagem. Fez funcionar o espaço como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar" (Foucault, 2007, p. 126). Foucault (2007) complementa afirmando que as disciplinas, organizando as celas, os lugares e fileiras criam:

Espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação, recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias, marcam lugares e indicam valores, garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos (FOUCAULT, 2007, p. 126)

Para Foucault (2007, p. 127) a tática disciplinar é a condução primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos diferentes: base para uma microfísica de um poder que o autor chama de “celular”. Para Foucault (2007) a disciplina é a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. A disciplina implica para o autor, também em um registro contínuo (lista de chamada, cartão-ponto, exames, etc), logo, a disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter o enfoque nos indivíduos e seus comportamentos. Assim, para Foucault (2007) o poder disciplinar exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação,



mas sobre o seu desenvolvimento, pois através desse processo o aspecto disciplinar se desenvolve de maneira mais eficiente sobre os indivíduos.

A marcação do tempo, mas especificamente o estabelecimento de horário, tornou-se importante objeto de controle. Foucault (2007) afirma que o horário envolve três importantes processos: estabelecer as proibições, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar ciclos de repetição de atividades. Esses três processos se aplicam em instituições como colégios, oficinas, hospitais, etc. Com isso, Foucault (2007) afirma que:

O rigor do tempo industrial guardou durante muito tempo uma postura religiosa; no século XVII, o regulamento das grandes manufaturas precisava os exercícios que deviam escandir o trabalho. (...) Nas escolas elementares, as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente (FOUCAULT, 2007, p. 128)

A aplicação do tempo como medida disciplinar tem como função garantir a qualidade das operações que incidem sobre os sujeitos. Assim, Foucault (2007) sustenta que o controle ininterrupto, pressão dos fiscais, exclusão de tudo o que possa interromper e distrair o andamento das atividades; trata-se de construir um tempo útil (economia do tempo). Para o autor, a existência da exatidão e aplicação são, com regularidade, as virtudes fundamentais que norteiam o tempo disciplinar. Dessa maneira, Foucault (2007) enuncia que o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de articulações, gestor definidos, mas de impor a melhor vinculação entre o gesto e a atitude do corpo, visando dessa forma alcançar a eficácia e a rapidez. Segundo o autor, a boa aplicação do corpo implica em uma boa aplicação do tempo, dessa forma, não há a ociosidade e inutilidade. Um corpo bem disciplinado forma o contexto da constituição do mínimo gesto (Taylor e Fayol - séc XIX.)

A administração Científica fundada por Taylor carrega consigo a racionalização do trabalho e com isso o a análise do trabalho do operário através do estudo dos tempos e movimentos, tarefas fragmentadas e a especialização da atividade do trabalhador, objetivando otimização dos processos produtivos (TAYLOR, 1970). A Teoria Clássica proposta por Henri Fayol, também propõe a racionalidade nos processos de gestão da organização, apresentando divisão do trabalho e a especialização do trabalhador perante as atividades desempenhadas, para assim, garantir a máxima eficiência e eficácia dos processos (FAYOL, 1990). Tanto Taylor como Fayol foram os responsáveis pela Administração Moderna e de certo modo, percebe-se em ambos os autores a presença da organização do trabalho tendo como enfoque as atividades do trabalhador, assim, racionalizar o trabalho implica em controlar o trabalhador, disciplinando-o para realizar as atividades organizacionais da melhor maneira.

Ainda no que se refere à questão disciplinar, Foucault (2007) afirma que a disciplina e sua forma de organização baseiam-se em uma economia positiva, através da utilização crescente do tempo. Mais exatidão do que emprego, assim, objetiva-se, segundo ele, extrair do tempo sempre mais espaços disponíveis e a cada momento mais forças úteis. A forma de funcionamento do ambiente escolar (aparelho educacional) possibilita segundo Foucault:

Intensificar a utilização do tempo, sua estrutura e organização fazem com que haja um determinado desvio no ensino do mestre, que regula o contraponto de operações feitas, ao mesmo momento, por diversos grupos de alunos sob a direção dos monitores e dos adjuntos, de maneira que cada momento que passava era povoado de atividades múltiplas, mas ordenadas; e por outro lado o ritmo imposto por sinais, apitos, comandos impunha a todos normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como uma virtude (FOUCAULT, 2007, p. 131)



Para Foucault (2007) as práticas de aprendizagem voltadas para a massa (aprendizagem corporativa) possuem características próprias inerentes a sua forma de funcionamento como: relação de dependência ao mesmo tempo individual e total quanto ao mestre, duração estatutária da formação que se conclui com uma nova prova qualificatória, mas que desarticula segundo um programa definido; troca total entre o mestre que deve transmitir o seu saber e o aprendiz que deve trazer seus serviços, sua ajuda e retribuições. Com isso, a domesticidade do aluno se mistura a uma transferência de conhecimento. Foucault (2007) expõe como exemplo a Escola de Gobelins, que segundo ele, apresenta um fenômeno importante: o desenvolvimento, na época clássica, de uma nova técnica para apropriação do tempo das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou em utilidade, sempre aumentados, o movimento do tempo que passa. Foucault acrescenta:

Como capitalizar o tempo dos indivíduos, acumulá-lo em cada um deles, em seus corpos, em suas forças ou capacidades, e de uma maneira que seja susceptível de utilização de controle? Como organizar durações rentáveis? As disciplinas, que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser também compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar tempo (FOUCAULT, 2007, pg. 131).

De certa forma, Foucault (2007) acrescenta que a disciplina produz a partir dos corpos que controla quatro tipos de individualidade, ou seja, uma individualidade dotada de quatro características: é celular (repartição espacial), é orgânica (codificação das atividades), é genética (acumulação do tempo), é combinatória (combinação de forças). Assim, para Foucault (2007): "A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente".

Uma das principais preocupações para Foucault (1979) está vinculada as instituições sociais e o modo como o poder se engendra e se desenvolve, entre elas o hospital (*Nascimento da Clínica*), prisão e escola (*Vigiar e Punir*). Por exemplo, o hospital para autor é uma instituição de assistência, como também de separação e exclusão, que objetiva disciplinar os corpos e aplicar uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. O autor complementa afirmando que:

(...) tudo é questão de poder, dominar o poder do louco, neutralizar os poderes que de fora possam se exercer sobre eles, estabelecer um poder terapêutico e de adestramento. Ora, é precisamente a instituição como lugar, forma de distribuição e mecanismos destas relações de poder (FOUCAULT, 1979, p. 126).

Pode-se analisar que, a mecânica do poder para Foucault (1979) em sua forma capilar de existir no ponto em que encontra o nível dos indivíduos atinge seus corpos, logo, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem e sua vida cotidiana. Deste modo, o poder ao mesmo tempo em que domina e recalca, garante ao sujeito certo grau de liberdade para se subjetivar perante discursos e imposições disciplinares.

### 3. SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO

No que se refere subjetivação do sujeito, Michel Foucault se atém as questões éticas para compreender modo como o individuo torna-se sujeito. Araújo (2004, apud Candioto, 2010, p. 123) afirma que Michel Foucault não apresenta uma sistematicidade em relação a



ética, mas a utiliza como base para suas críticas com relação às abordagens que objetivam encontrar um princípio, uma verdade acerca da natureza do homem. A ética foucaultiana apresenta uma idéia de um sujeito ético que se subjetiva através de sua natureza reflexiva. Para Foucault não há algo que defina o que é o homem, como ele atua ou deve atuar enquanto ser ético. O sentido de ética empregada por Foucault difere-se da concepção das filosofias tradicionais, principalmente da concepção de ética predominante no universo formacional e profissional. A ética foucaultiana preocupa-se com o modo como o sujeito se subjetiva através de sua natureza reflexiva e se torna agente, mediante o cuidado de si mesmo.

Segundo Araújo (2004, apud CANDIOTTO, 2010) os estudos de Foucault se ampliam para três questões: práticas discursivas, a arqueologia do saber; sobre o poder na sociedade disciplinar (práticas de punição, exame, vigilância, normalização); e a análises históricas sobre a maneira como os indivíduos se subjetivam. A autora afirma ainda que, a análise de Foucault se volta para as transformações históricas que constituíram práticas que dizem respeito ao modo, de se formar como sujeito de seus atos. Essas práticas alteram-se conforme a cultura onde estão inseridas, mas essa afirmativa não significa que a conduta ética se relativiza a cultura e não tenha validade moral. Araújo (2004, apud CANDIOTTO, 2010) complementa afirmando que Foucault não pode ser considerado um relativista, sendo que, se uma prática tem valor, ela deve ser seguida por razões que são aceitas refletidamente:

O “ethos” pessoal não é uma marca definitiva, não há um imperativo moral absoluto habitando todas as consciências de todos os indivíduos. O “ethos” é constituído pelos diferentes modos de se conhecer a si mesmo. Assim como há nas diversas sociedades técnicas de comunicação, linguagens modos de significação, diferentes tipos de produção, de dominação, de saber, de poder, há também em todas as sociedades, técnicas (“práticas de si”) para agir sobre os corpos, a alma, os pensamentos, as condutas, com a finalidade de julgá-las, de apreciá-las, de regrá-las e também modificá-las (ARAÚJO, 2004 apud CANDIOTTO, 2010, p. 124).

A ética para Foucault não deve ser abordada como um conjunto de códigos, preceitos ou regras morais, mas como conjuntos de práticas. Araújo (2004, apud CANDIOTTO, 2010), acrescenta que para Foucault essas práticas podem conduzir a um saber de si, que tem como função se conhecer, ou conduz a um cuidado de si mesmo orientado por virtudes, principalmente a virtude da coragem da verdade. A análise de Foucault, não se detém nos códigos, pois para ele são aproximadamente os mesmos nas diversas culturas. A ética foucaultiana se preocupa pelo modo como cada um decide cumprir determinada regra moral, e não a uma obrigação de seguir os códigos de conduta moral de forma rígida que pode resultar em recompensas e punições. Portanto, segundo Araújo (2004, apud CANDIOTTO, 2010), a concepção de ética para Foucault não é um sistema fechado, mas a ética para ele requer autonomia, liberdade e não a obrigação de todos aos mesmos preceitos e regras.

Araújo (2004, apud CANDIOTTO, 2010) conclui que na sociedade disciplinar, a sociedade da norma e da extração da verdade de si como via única para subjetividade, segundo ele, Foucault não vê uma saída ou solução revolucionária, pois os poderes locais só podem ser combatidos com lutas locais. Assim, a proposta foucaultiana é resistir a esses poderes, saberes, verdades, discursos; e para conhecer a si mesmo, não é necessário passar pelo aval de ciências, de especialistas na cura e na normalização.

Candiotto (2010) apresenta uma análise da possibilidade de uma história crítica da verdade articulada em torno da constituição do sujeito, tendo como base as investigações de Michel Foucault. Quanto ao livro “As palavras e as coisas” (*Les mots et les choses*) de Michel Foucault, Candiotto (2010) afirma que a obra teve grande relevância no pensamento filosófico



na segunda metade do século XX, pois apresentou a descrição da constituição histórica dos saberes que resultaram na invenção do homem, contrapondo-se às reflexões que determinam a verdade no sujeito transcendental, ou seja, para Foucault:

O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. Se essas disposições viessem a desaparecer tal como desapareceram, se por algum acontecimento de que se pode quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”. (1996, p.398 apud Candiotto, 2010, p.27)

Candiotto (2010) pretende assim, destacar o modo como Foucault apresenta a emergência do homem como centro de preocupação entre dos saberes, dessa forma, compreender como a filosofia moderna se apropriou de determinados discursos, transformando as multiplicidades em unidade, a exterioridade em interioridade. O exercício do poder cria perspectivamente saber, conseqüentemente, o saber acarreta efeitos de poder. Logo, para Foucault (1979) os saberes são reforçados pelos discursos científicos e não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder. Para Candiotto (2010), Foucault não se posiciona ao lado das ciências e contra a filosofia, partindo dos objetos em oposição aos sujeitos, coisas contra as palavras, mas busca-se compreender o modo como as ciências e filosofias, objetos e sujeitos, coisas e palavras são arranjadas numa ordem e de acordo com regras, características singulares presentes em um determinado período da história.

No que se refere à produção de discursos na sociedade contemporânea e seus desdobramentos, Michel Foucault (2009) abordou os principais aspectos dos seus estudos relacionados ao tema em sua aula inaugural proferida no Collège de France. O autor afirma que a produção de discursos em toda sociedade é controlada, selecionada, arranjada e redistribuída por um conjunto de procedimentos que tem como objetivo invocar seus poderes e perigos. Logo, procedimentos de exclusão, conseqüentemente de interdição, constituem elementos presentes na produção dos discursos. Logo também, para Foucault (2009), todos esses conjuntos de procedimentos acarretam em um tabu do objeto, que é reforçado por determinados tipos de interdições que se interligam, se reforçam e se compensam, ou seja, o tabu do objeto se forma através de discursos que incidem sobre determinados objetos, sendo que para Foucault (2009), os campos da política e sexualidade são onde ocorre a maior incidência. As interdições sobre os objetos estabelecem um intrincado conjunto de relações que se modificam constantemente. Para o autor, a sexualidade e a política são campos pelo qual, essa relação intrincada se intensifica, pois as interdições acerca desses objetos de saber se revelam uma ligação com o desejo e com o poder.

A vontade de verdade para Foucault (2009), torna-se ao longo do tempo, uma forma de disjunção que norteia a vontade de saber. Foucault (2009) define que com o desenvolvimento das ciências, a vontade de verdade assume um novo patamar, conseqüentemente o discurso volta-se para si, ou seja, preocupa-se não mais com sua origem, suas alegorias, suas conseqüências, mas o que ele é enquanto objeto, forma, significância. A vontade de verdade para o autor, acaba por se estabelecer através de uma distribuição institucional que se impõe sobre os demais discursos. A exclusão produzida pela vontade de verdade, para Foucault (2009), nada mais é do que uma catarse que expurga ao longo da



história qualquer manifestação contrária a própria vontade de verdade, ou seja, exclui-se o objeto que se coloca contra a vontade de verdade. Assim, o autor afirma que:

Essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2009, p. 17).

Foucault (2009) destaca também que os discursos são controlados por procedimentos que determinam a forma pelo qual eles irão funcionar. Assim, um arcabouço normativo se estabelece sobre os discursos, impondo normas sobre os indivíduos que os proferem. O autor destaca dentre os sistemas restritivos dos discursos, o papel do ritual como elemento que define todo um conjunto de práticas, signos, comportamentos que devem estar associados ao discurso. Foucault (2009) apresenta como exemplo, os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e políticos que se utilizam da prática do ritual como forma de estabelecer propriedades e papéis preestabelecidos aos sujeitos que se utilizam desses discursos. Foucault (2009) afirma que esses discursos e suas idiossincrasias têm com objetivo estabelecer um espaço limitado de funcionamento, produzindo e conservando esses saberes de acordo com regras específicas de funcionamento, que produz o que ele define como “sociedades do discurso”.

Michel Foucault (2010) compreende o discurso como resultante da reverberação de uma verdade, ou seja, uma verdade legitimada e propagada através da interação com os demais discursos, que de certa forma interagem entre si, através do qual, ora se apoderam, ora se excluem e geram novas verdades, logo, para compreender o discurso enquanto prática se faz necessário utilizar quatro princípios básicos apresentados por ele como método analítico.

O primeiro princípio apresentado por Foucault (2010) é o princípio de *inversão*, que compreende o discurso como um recorte, uma seleção de um conteúdo, com isso o discurso sofre um processo de rarefação. Assim, a análise do discurso para Foucault refere-se a um “afunilamento”, um recorte do texto, que não tem como função apresentar uma abordagem objetiva e nem a de explicar um texto sobre uma ótica universalista.

A *descontinuidade* é o segundo princípio que compreende os discursos como práticas descontínuas que podem se intercambiar ou se excluir, entretanto mesmo havendo esse sistema de rarefação do discurso, isso não quer dizer que discursos maiores estão sobrepostos a esse sistema. Outro princípio apresentado por Foucault (2010, p. 53) é o da *especificidade*, que não transforma o discurso em um jogo de significados a priori, através do qual, o nosso conhecimento pode impor suas vontades e significações perante o mundo. Isso significa que, toda leitura, toda análise de um discurso é ao mesmo tempo a leitura e uma análise de um sujeito singular, constituído de uma história, de uma vivência, de uma experiência própria, que de certa forma não podem ficar a margem de uma análise.

Outro princípio apresentado por Foucault (2010) é o princípio da *exterioridade*, que afirma que para se compreender o discurso não se deve buscar o seu núcleo formador, mas partir do pressuposto do próprio discurso, assim, o discurso não remete a uma idéia pré-concebida, mas sim a uma prática que está se efetivando.

Ainda com relação ao discurso, Japiassu (1977) analisa que para arqueologia foucaultiana, não tem a pretensão de estabelecer uma teoria do método científico, mas estabelecer uma teoria do dispositivo que crie uma sistemática das ciências seja em seu campo



epistemológico, histórico ou estrutural. Assim, a intenção de Foucault não é a descoberta do homem, mas formar uma base onde se desenvolverá as ciências humanas. Portanto, para a epistemologia o importante não é o objeto, mas o lugar que determina onde a ciência ocupa no espaço do saber.

## 4. RESULTADOS OBTIDOS

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas objetivando descrever a identidade e os papéis do administrador presentes no discurso de professores e alunos de Administração. Buscou-se também, descrever como professores e alunos de Administração relacionam a identidade e os papéis do administrador às técnicas de poder disciplinar em organizações.

Inicialmente as falas de alunos e professores de Administração foram analisadas separadamente de acordo com os objetivos propostos, objetivando uma melhor compreensão do assunto. Em um primeiro momento, buscou-se destacar através da fala dos entrevistados as principais características inerentes à identidade do administrador.

Percebe-se através das respostas obtidas que, para os acadêmicos entrevistados, as principais características que constituem a identidade do administrador correspondem principalmente a aspectos como: liderança, empreendedorismo, flexibilidade, inovação, pensamento sistêmico, planejamento, organização e ética. É possível perceber que os elementos que mais se destacam na fala dos acadêmicos são a liderança, pensamento sistêmico e empreendedorismo. De certa forma, essas características são apresentadas como essenciais para que o administrador alcance os objetivos da organização e assim, otimize os processos gerenciais no âmbito organizacional.

O perfil do administrador para os professores entrevistados apresentaram características principais como: liderança, pensamento sistêmico, pró-atividade, organização, controle e empreendedorismo, sendo que, a liderança se destacou nas falas dos professores. As características do administrador apresentadas pelos entrevistados, tanto professores como acadêmicos, denotam respostas semelhantes, principalmente nos seguintes aspectos: liderança, empreendedorismo, visão sistêmica e ética. Dentre essas características as que mais se destacaram nas entrevistas, tanto por parte de professores como de alunos foram a liderança e a visão sistêmica. Para os entrevistados, a liderança e a visão sistêmica são características importantes, pois para eles, o administrador deve compreender as variáveis que influem na organização e garantir que os funcionários auxiliem o administrador a alcançar resultados e otimizar processos, de acordo com os objetivos da organização.

Assim, de acordo com os professores entrevistados a formação em Administração tem a função de transmitir esse conhecimento para as diversas áreas em que o administrador atuará profissionalmente. Percebe-se que o administrador de acordo com as respostas de professores e de acadêmicos, tem o papel de fazer com que a organização alcance seus objetivos e ao mesmo tempo desenvolva a sociedade como um todo, ou seja, o papel do administrador para ambos entrevistados está vinculado a uma preocupação social e ética. Portanto, para os professores de Administração, o administrador tem o papel de alcançar os objetivos da organização, otimizando processos, favorecendo o crescimento da organização, pautando-se sempre com os aspectos éticos e sociais ligados a prática profissional.

A entrevista também teve como enfoque compreender de que modo os professores e alunos relacionam através da identificação das características do administrador e seu papel na sociedade às técnicas do poder disciplinar nas organizações, ou seja, partindo-se do pressuposto que o administrador é um sujeito possivelmente constituído através da relação aluno e professor em sala de aula. Através de análise dos elementos discursivos presentes nas falas de professores e alunos, visou-se compreender o modo como o administrador deve agir para disciplinar seu funcionário no ambiente de trabalho. Com isso, foram feitas perguntas



como: “Na sua opinião, de que modo a existência de regras em sala de aula pode contribuir para a boa formação profissional dos alunos?”, “Você é favorável ao uso de sistemas de controle como listas de chamada, provas, etc, em sala de aula?”, “Você é favorável ao uso de sistemas de controle mais rígidos como câmeras, expulsão, etc, podem ajudar em sala de aula?”, “No exercício da profissão, como você possivelmente irá coordenar seus funcionários? Você é favorável ao controle através de cartão-ponto, punições, etc?” e “Quais as competências que você acha que na sua atuação, para você coordenar as pessoas? Quais habilidades você acha importantes para liderar pessoas?”.

Os argumentos dos acadêmicos em sua maioria foram favoráveis no tocante as regras em sala de aula, pois segundo as repostas apresentadas, essas regras auxiliam o bom andamento da aula. De certa forma, a presença de regras em sala de aula, segundo alguns acadêmicos entrevistados, irá refletir no comportamento do administrador formado quanto ao controle das atividades e de seus coordenados, auxiliando assim, na realização dos objetivos organizacionais. Alguns professores de Administração entrevistados, em sua minoria, apresentaram argumentos desfavoráveis a existência de regras em sala de aula. Professores em sua maioria foram favoráveis ao uso de regras em sala de aula, através do qual, essas regras auxiliam, segundo eles, no bom andamento da aula, disciplinando o aluno para que não desvie sua atenção e prejudique o bom andamento das aulas e também pelo cumprimento do regimento interno da instituição de ensino superior que está inserido.

## 5. CONCLUSÃO

Nossa análise segue de perto a 3ª fase foucaultiana (fase ética), na qual o discurso é entendido como formador de subjetividades, ligando o sujeito à verdade (cf. CASTRO, 2009, p. 120). Com isso, pode-se evidenciar através do discurso de professores e alunos de Administração, os principais aspectos ligados ao perfil profissional do administrador, seu papel na sociedade contemporânea e o modo os discursos constituídos no âmbito acadêmico, estão ligados ao processo de subjetivação do sujeito profissional administrador, nesse caso específico em estudo, o administrador como sujeito disciplinador.

De um modo geral, os entrevistados apresentaram discursos semelhantes quando questionados sobre o papel e identidade do administrador e seu modo de atuação no campo profissional. Em um primeiro momento, percebe-se o perfil de um administrador que deve apresentar características principais como: empreendedorismo, liderança, ética, inovação, pensamento sistêmico, planejamento e organização. Assim, evidencia-se um sujeito administrador que deve gerenciar a organização de forma empreendedora, ética, sempre tomando a frente nos processos gerenciais, não cometendo equívocos e detendo as habilidades técnicas, conceituais e humanas necessárias para que a organização alcance resultados com eficiência e eficácia. De certo modo, essas características demonstram o direcionamento pelo qual o administrador deve se guiar, no campo profissional, para alcançar os objetivos organizacionais. Através desses discursos, percebe-se o aparecimento de um sujeito profissional que deve atuar como um “super-administrador”, ou seja, no campo de atuação deve apresentar grande conhecimento e domínio sobre a gama de variáveis que circunscrevem o ambiente organizacional em que ele está inserido. Todavia, no campo objetivo, o administrador não é capaz de deter todas essas características enquanto profissional, logo, a construção desses discursos no campo formacional, e possivelmente seus desdobramentos no campo profissional, visam criar espaços discursivos pelos quais o sujeito pode vir a se inserir e se subjetivar, construindo uma possível legitimidade profissional, resultado das possíveis verdades que a Administração instaura e se apropria enquanto ciência, estabelecendo quais as qualificações necessárias para que determinado sujeito possa se apoderar desses discursos.



O conjunto de atributos mediante os quais se define a identidade e os papéis a serem exercidos pelo administrador sinalizam, afinal, para certa indefinição identitária. Isto é, se o administrador deve de fato ser tudo o que dele se fala quando professores e alunos falam dele, então o que se tem é um perfil profissional que, englobando tantas habilidades e qualidades, termina sendo um espaço de indistinção onde, afinal, qualquer um – ou quase qualquer um – poderá se enxergar, se enquadrar. Tal discurso tão amplo e vago permite exatamente que cada um possa redefini-lo ao sabor de seus interesses – essa é, aliás, a função dos discursos vazios de sentido ou, em oposição, extremamente ricos em sentido, porque eles permitem a quem os ouve interpreta-los como bem lhes agrada. Eis, nos parece, o discurso ainda predominante no campo da administração, pelo menos no âmbito restrito desse estudo. Em termos de poder disciplinar, uma possível consequência é que o seu exercício ocorra com recurso a extremos. Assim é que certos dispositivos de natureza totalitária podem conviver, no âmbito da prática da gestão, com outros dispositivos (pelo menos aparentemente) democráticos, sem aparente conflito, como é o caso de adoção de procedimentos participativos em contextos onde o trabalho ainda se baseia em tecnologia de produção em massa, ou mesmo a existência de modelos supostamente pautados em liberdade de expressão e de exercício de criatividade em estruturas organizacionais controladas pela definição de resultados financeiros extremamente elevados.

No discurso de alunos e professores de Administração pouco se evidenciou a presença dos processos reflexivos perante os discursos formacionais, sendo que, grande parte desses discursos apenas propagam métodos, técnicas de gestão a serem utilizados pelos futuros gestores. De acordo com determinados discursos de entrevistados, pode-se perceber que a preocupação do administrador com a sociedade o qualifica enquanto profissional, em contrapartida o administrador preocupado apenas com resultados organizacionais, resulta na sua desqualificação profissional, assim, o profissional administrador deve ser capaz de conciliar o desenvolvimento social com a busca pelo lucro organizacional. Nesse caso específico a preocupação com o desenvolvimento social o qualifica e o legitima enquanto profissional, mesmo que esse discurso esconda uma real intenção de explorar o funcionário em busca do lucro e da sobrevivência organizacional (MOTTA, 1981).

A relação de saber e poder que esses discursos produzem e vinculam são capazes de engendrar a constituição de um profissional administrador capaz de disciplinar seus subordinados, criando espaços de dominação e sujeição no ambiente organizacional. As falas dos entrevistados reforçam visão de um administrador utilitarista que deve disciplinar seus subordinados através de variadas técnicas de organização dos corpos e dos espaços, para que as atividades operacionais aconteçam da melhor maneira possível. Entretanto, esse viés disciplinar tem como uma das fontes de origem, o espaço educacional, pois são esses discursos e práticas disciplinares compartilhadas nesse espaço, que influem na formação e na futura atuação desse profissional. Nesse caso, o professor é visto como uma autoridade que está presente não só para transmitir determinado conhecimento, mas para manter a ordem, onde o acadêmico deve cumprir as normas estabelecidas por ele e pela instituição de ensino. Portanto, a sala de aula enquanto espaço disciplinar exige o controle rígido porque os alunos não têm maturidade suficiente, isso segundo os professores entrevistados. Logo, o horário padronizado das atividades, a disposição em filas, avaliações periódicas e a presença do professor reforçam a constituição de um sujeito administrador-disciplinador, onde o poder disciplinador é definido como o mais relevante.

O administrador atua com pessoas em uma sociedade regulada por leis. Por isso, a sala de aula forma ou deve formar esse profissional sob uma hierarquização e sob regras, pois a sala é concebida como um espaço de regra, de respeito, de norma. O tempo regrado é importante para a formação do administrador em face dessa sociedade de regras, pois, a escola prepara esse administrador para estabelecer regras, estabelecer comportamentos



padronizados, nesse aspecto, poderá constituir o que Foucault denomina de poder pastoral, ou seja, o administrador como um sujeito capaz de guiar de forma adequada o comportamento de seus subordinados, para certos resultados. Assim, o aluno com relação a sua futura atuação profissional, possivelmente irá se utilizar desse conjunto de regras, normas vivenciadas no espaço educacional, refletindo assim, na sua atuação enquanto gestor, principalmente no que se refere a gestão de pessoas na organização.

Conseqüentemente, conclui-se que no discurso dos sujeitos entrevistados o administrador em formação insere-se, por força de sua atuação futura, em um contexto de regramento do espaço e do tempo, uma manutenção da ordem pela hierarquia representada pela presença do professor em sala e isso é legitimado, afinal, pela futura atuação profissional do administrador, onde aquele regramento – tipicamente disciplinar – fará parte essencial do exercício de sua profissão. É dessa forma, finalmente, que se relacionam sua identidade, seus papéis e seu exercício profissional, isto é, o administrador é definido como fonte do regramento considerado necessário para a eficácia do contexto organizacional onde o trabalho produtivo se realiza e, daí, sua formação deve desde sempre (e apesar do vazio de sentido que por vezes se observa nos conceitos que aparecem para definir sua atuação – empreendedorismo, responsabilidade social, etc) contemplar não apenas a apreensão de conteúdo técnico para tanto, mas a sua socialização por meio de regras de organização da sala de aula, regras de controle do corpo no seu uso do tempo e do espaço da aula e da sala.

## REFERÊNCIAS

- BERGER, P. L.; LUCKMAN. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANDIOTTO, Cezar; ARAÚJO. **Ética: abordagens e perspectivas**. 1ªed. Curitiba: Champagnat, 2010.
- CANDIOTTO, Cezar. **Foucault e a crítica da verdade**. 1ª ed. Champagnat: Curitiba, 2010.
- DREYFUS H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- FOUCAULT. M. **O homem e o discurso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- FOUCAULT. M. **Ética, Sexualidade e Política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola 2009.
- FOUCAULT, Michel **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. Atlas: São Paulo, 1996.
- FAYOL, Henry. **Administração Industrial e Geral**. Atlas: São Paulo, 1990.
- MOTTA, F. C. P. **O poder disciplinar nas organizações formais**. Rio de Janeiro, 1981.
- MOTTA, F.C.P.; ALCAPADIANE, Rafael. **O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações**. RAUSP, São Paulo: FEA/USP, v. 39, n. 2, p. 117-128, abr./jun. 2004.
- PEREIRA, M.C.; MUNIZ, M.M.J.; LIMA, J.B. Foucault e estudos organizacionais: ampliando as possibilidades de análise. **Revista de Ciências da Administração**. v.9, n.17, jan./abr.2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/viewArticle/1750>>. Acesso em 03 jan. 2011.
- SOUZA, E. M.; MACHADO, L. D.; BIANCO, M. F.; SOUZA, R. C. **Análise Genealógica: O estudo do poder nas empresas sob uma visão foucaultiana**. Revista Aulas, Dossiê Foucault. N. 3 – dezembro 2006/março 2007.
- TAYLOR, F. W. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1970.